

**A LUDOPEDAGOGIA E A PSICOPEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

*LUDOPEDAGOGY AND PSYCHOPEDAGOGY IN THE LITERACY OF CHILDREN WITH LEARNING DIFFICULTIES*

**DOI: 10.5281/zenodo.14286331**

Ana Cláudia Gonçalves Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este tem como objetivo analisar as dificuldades de aprendizagem vista como um problema da alfabetização, e a importância do psicopedagogo e ludopedagogia para a eficácia da aprendizagem da criança nesta etapa de escolarização. Procurou-se rever diversificados pensadores/teóricos que trata o assunto com relevância discorrendo da pertinência do psicopedagogo, suas ações de intervenções e precaução e sua atribuição no cenário escolar e ao aluno, com base em sua situação sociocultural/cognitivo/ psíquico/ e orgânico. Neste ínterim observar também o valor da ludopedagogia que nos remete ao encanto de ensinar e aprender, no ato de alfabetizar brincando, contrárias das aulas cansativas/ tradicionais que distancia a criança do conhecimento. Através do lúdico pode-se propiciar ao estudante uma aproximação do seu contexto ao qual é pertencente, desta forma promove a alegria e prazer pelo processo de aprendizagem, valorando suas experiências de vida e consequentemente diminuindo as agressões no âmbito escolar, melhorando sua participação, socialização, integração com os todos os colegas, a autoestima boa, o respeito as diversidades ético-culturais, modificando-o, a si próprio e todos ao seu redor, como professor/escola/família e comunidade. Após explorar, retifica-se que a Psicopedagogia e a Ludopedagogia cooperam para a Educação.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Aluno; Dificuldades de Aprendizagem; Lúdico; Psicopedagogia

**ABSTRACT:** This aims to analyze the learning difficulties seen as a literacy problem, and the importance of educational psychology and ludopedagogy for the effectiveness of children's learning at this stage of schooling. We sought to review different thinkers/theorists who deal with the subject with relevance, discussing the relevance of the psychopedagogue, their intervention and precaution actions and their attribution in the school setting and to the student, based on their sociocultural/cognitive/psychic/and organic situation. In the meantime, also observe the value of ludopedagogy that brings us to the charm of teaching and learning, in the act of teaching literacy while playing, contrary to the tiring/traditional classes that distance the child from knowledge. Through play, it is possible to provide the student with an approach to their context to which they belong, thus promoting joy and pleasure in the learning process, valuing their life experiences and consequently reducing aggression in the school environment, improving their participation, socialization, integration with all colleagues, good self-esteem, respect for ethical-cultural diversities, modifying him/herself and everyone around him/her, as a teacher/school/family and community. After exploring, it is corrected that Psychopedagogy and Ludopedagogy cooperate for Education.

**Keywords:** Literacy; Student; Learning difficulties; Ludic; psychopedagogy

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Ciencias de la Educación pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales de Assunción/PY. E-mail: [anaclaudiatarefas@gmail.com](mailto:anaclaudiatarefas@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo procura analisar as dificuldades de aprendizagem de crianças no período de alfabetização, dificuldades essas que vem se arrastando historicamente no País. O processo de alfabetização tem se tornando uma questão preocupante por parte de educadores, devido se tratar de um processo importante para o estudante, mas por mostrar situações ligadas e complicadas envolvendo família, políticas públicas, sistema educacional, que interfere diretamente na alfabetização.

Frente a estes desafios, surge o questionamento para importância da escrita deste artigo e que direciona esta dissertação, sendo: Quais as cooperações que o Psicopedagogia pode propor para minimizar as dificuldades de alunos na fase de alfabetização? O psicopedagogo como integrante dos profissionais da escola pode auxiliar a atividade da unidade como facilitador dos motivos das dificuldades dos estudantes na alfabetização e agregar a comunidade escolar à volta destes problemas? Qual importância do uso de recursos lúdicos como brincadeiras jogos para melhorar o processo de alfabetização? O brincar enriquece e possibilita novo aprenderes?

Percebe-se que há inúmeras interferências pelas dificuldades dos estudantes no processo alfabetização, como: família/educadores/metodologias/instituição/convívio, entre outras.

Entende-se que a metodologia é fator fundamental para o processo de alfabetização, competindo ao professor buscar novas estratégias de ensino para diminuir essas dificuldades apresentadas nos alunos. Nas brincadeiras o aluno pensa/reflete e vivenciam contextos novos ou mesmo do seu dia a dia, e o ato de brincar está relacionado à complementação das exigências da criança e nestas está imbuído tudo aquilo que é razão para atividade. É necessário buscar compreender as exigências do aluno, bem como os estímulos que leva em atividade para, então, apreendermos o sentido de seu progresso.

A ação de brincar aguça o uso do pensamento que ao entrar em exercício se desenvolve e dispõe o objeto a ser memorável, tudo isto está relativo com surgimento sucessivos dos processamentos da linguagem que ao remodelar a experiência emocional e enaltece o aluno a um novo estágio de processos psíquicos.

A atividade de brincar (o lúdico) é um elemento necessário para o progresso do sujeito, uma vez que a partir do contexto fantástico desperta gradualmente entre inúmeras outras coisas o aluno a um local social, carregado de normas.

Assim, sucede às modificações internas no progresso do estudante em razão do brincar, cujo objetivo é a possibilidade de uma consequência do brincar, cujo fundamento é a criação de uma inovação correlação entre a área do conceito e área da assimilação visual, isto é, entre os acontecimentos do pensamento e as reais.

Para compreender todas essas necessidades práticas e explicitá-las de uma maneira agregada, pode-se falar o que se precisa ser feito é, ensinar os alunos a língua escrita e não somente o desenho de letras.

O objetivo desta temática é analisar as dificuldades de aprendizagem vista como um problema da alfabetização, e a importância do psicopedagogo e da ludopedagogia para a eficácia da aprendizagem da criança nesta etapa de escolarização.

A metodologia empregada foi bibliográfica do gênero descritiva, de questionamento qualitativa, subsidiada em autores de relevância que discorrem com veracidade a temática discutida, sendo: Pain (2014), Piaget (1967), Bertoldo (2012), Bossa (2014) Fernandez (2013), Soares (2014) e Sanchez (2014), entre outros. Foi feita uma análise criteriosa, para o desenvolvimento em tópicos, com o propósito de um entendimento amplo, coeso, objetivo.

Nota-se que o processo de aprendizagem precise de uma junção entre O processo de aprender exige uma integração entre consciência, afetividade e atividade e, nos estudantes que não demonstram dificuldades, esta inserção acontece, possibilitando a aprendizagem. Porém, aqueles que por alguma razão apresentam dificuldades, esta inserção surge bagunçada, o que acarreta muita angústia frente às circunstâncias de aprender.

Assim sendo, na instrução escolar, há as situações centradas para que o progresso aconteça com êxito, sendo: o aluno, o professor e a metodologia de aprendizagem.

Diz Fonseca (2015, p. 43), o aluno com dificuldade de aprendizagem não deve ser “rotulado” como incapaz. Significa ser um aluno normal que aprende de uma maneira diferente, a qual mostra uma assimetria entre a aptidão atual e a aptidão prevista. No que se refere aos professores, é comum atuarem sem experiências práticas, levando-os às vezes não enxergar as singularidades do aluno, suas aptidões e particularidades para o ato de aprender.

## 2. A IMPORTÂNCIA DA LUDOPEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO

Alfabetizar é um processo que exige metodologias eficientes para atender a diversidade do espaço sala de aula. Cada criança tem um ritmo próprio para aprender, cabe ao professor ser mediador para minimizar as dificuldades encontradas por algumas crianças. Mas como ensinar a todos? Quais ações devem ser aplicadas para aguçar a curiosidade e o desejo de aprender? Como desenvolver capacidades/habilidades nestes alunos?

Paulo Freire (2000) já preconizava que assimilar a leitura e a escrita é assimilar a leitura do universo, entender o seu contexto no que concerne processo ligando fala e vivência e ser alfabetizado é transformar-se em sujeito com capacidades de fazer uso da leitura e da escrita como forma de apoderar-se de aprendizado do ambiente e modifica-lo.

Percebe-se que por décadas a alfabetização tem sido assunto de diferentes debates teóricas e metodológicas, cobrando que a escola e, os professores se coloquem em junção às mesmas, estruturando suas ações partindo das discussões no seio acadêmico e levando para a sala de aula a contar de suas compreensões e do que é cabível e apropriado ser aplicado.

Essas modificações nas ações de ensino devem acontecer tanto nas exposições dos temas a serem aplicados quanto na questão da elaboração da atividade pedagógica. A ludicidade é temática que tem ganhado lugar no cenário nacional, especialmente na educação infantil, por ser o brinquedo o bojo da infância e seu benefício possibilita uma atividade pedagógica que permite a construção do entendimento, da aprendizagem e do aprimoramento. Independentemente do tempo, cultura/classe social, os jogos e brinquedos pertencem a vida da criança, uma vez que elas vivem em um universo de faz de conta, de ilusão, de alegria, de imaginação onde a existência e o desvario se misturam, ainda que, a história de povos passados retratarem o inverso, efetivando o brincar como um sacrilégio.

Com os avanços tecnológicos, as transformações diárias no jeito de ser e agir, o professor necessita ser um “camaleão”, na busca de novas metodologias que visem novos saberes e habilidades de si próprio, para então viabilizar o ensino para seus alunos. Nesta busca vê no lúdico novas possibilidades no espaço escolar, por este ser recurso rico que faz aguçar a curiosidade e o prazer pelas descobertas possibilitando os alunos a encararem as adversidades

que lhe aparecerem. Assim, frente todas as transformações sociais vigentes, se faz necessário que os professores vejam no lúdico instrumento de mudanças, de trocas, de regras, de desafios, que possibilita competências e habilidades importantes para o processo de alfabetização. E os jogos, as brincadeiras, são recursos acessíveis para todo o alunado independente de suas aptidões e limitações.

O ato de brincar é prazeroso e descontraído, sendo fundamental para a saúde física e emocional/ intelectual da criança, por fazer parte de todos os seres humanos desde os tempos de outrora. Por meio do lúdico o aluno aperfeiçoa a linguagem, o raciocínio, a cooperação, a disposição, e a autoestima, propiciando para ser um sujeito com capacidades de encarar as adversidades, sendo participativo na constituição de uma sociedade melhor. O jogo, nas suas diferentes maneiras, coopera na aprendizagem, tanto na evolução psicomor, (motricidade fina e ampla), como também na evolução de habilidades de novas ideias, como criatividade, compreensão, a imaginação, a observação, a estruturação de conceitos, e a execução dos acontecimentos e das regras a novos contextos que, conseqüentemente surge quando brincamos, quando compreendermos as normas, as vivências das adversidades numa disputa, entre outras.

Diz Piaget (1967), "[...] o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral". Por meio dele se empreende a evolução de saberes, especialmente nos momentos sensório-motor e pré-operatório. Atuando sobre os instrumentos, os alunos, desde novinhos, organizam seu local e seu período, reproduzindo a consciência de imprevistos, atingindo à concepção e, por fim, o fundamento. Os estudantes sentem mais estimulados para utilizar a capacidade, pois pretendem jogar bem, empenham-se para ultrapassar barreiras, intelectual como emocional.

Percebe-se que o jogo não é unicamente uma "distração" para entreter os estudantes, nada disso, representa a um significativo quesito do corpo e desempenha espaço de fundamental relevância na educação escolar. Aguça o progresso e o aperfeiçoamento, a ordenação muscular, as capacidades intelectuais, a prontidão individual, possibilitando o crescimento e a habilidade da palavra. Promove a refletir e entender os indivíduos e os objetos do contexto ao qual faz parte. Por meio do jogo a pessoa pode brincar tranquilamente entender as diversidades, investigar toda a sua liberdade de criação. O jogo é fundamental para que a criança exponha sua criticidade, usando suas capacidades de maneira global. É no ato de criação que a criança se reconhece. (Tezani, 2004).

Nota-se que o brincar vai além de atividade corriqueira, é um fundamental recurso pedagógico que possibilita a criança pensar agir, interagir, cooperar, compreender regras e deixar fluir todo seu lado criativo. Desenvolve habilidades significativas para o aprendizado, uma vez que nos jogos o aluno consegue superar barreiras e limitações, minimizando positivamente as dificuldades de aprendizagem, e enriquecendo a intra e inter-relação com colegas e professores. Além que beneficia o aluno no processo ensino aprendizagem.

## 2.1. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM

O termo lúdico origina-se do latim “*ludus*” que significa “jogo”. Se este fosse limitado ao primórdio, o lúdico estaria enfatizando somente o jogar, ao divertir, a ação livre. O lúdico tornou-se notório como sinal fundamental de fisiopsicológica da conduta humana. De maneira que a significação destituiu de ser o simples significado de jogo. As inferências da exigência lúdica ultrapassaram as limitações do brincar livremente. O lúdico mostra conceitos particulares para todas as etapas da vida do ser humano. Desta forma, na fase infantil e na adolescência o objetivo é principalmente pedagógico. A criança e até o jovem contestam uma oposição à escola e ao ensino, por ela não trazer a ludicidade, não oferecer estímulo. Neste intere diz Piaget, “[...] o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico. Ela precisa brincar para crescer, precisa do jogo como forma de equilíbrio com o mundo.”

Nesta mesma linha de pensamento Vital Didonet diz "é uma verdade que o brinquedo é apenas um suporte do jogo, do brincar, e que é possível brincar com a imaginação. Mas é verdade, também, que sem o brinquedo é muito mais difícil realizar a atividade lúdica, porque é ele que permite simular situações". (Apud Bertoldo, Ruschel, 2012).

A ludicidade, tão fundamental para o bem estar do ser humano é um ambiente que faz jus a percepção da família e professores, uma vez que é ambiente para enunciação mais brilhante do indivíduo, é o ambiente e o direito de todo os estudantes para a atividade da correlação afetuosa com o mundo, com seus pares e com os objetos.

O lúdico oportuniza a análise da correlação do estudante com o universo extrínseco, compreendendo reflexão particulares sobre a relevância do lúdico na construção do caráter. Através da ação lúdica e do jogo, o aluno cria ideias, distingue concepção, demonstra junções lógicas, inteira informações, faz suposições adaptáveis com o melhoramento físico e progresso e, o que é mais relevante, vai se interagindo/cooperando.

O convívio de maneira lúdica e alegre com a aprendizagem possibilitará ao estudante criar conexões cognitivas às vivências, bem como conexões as outras realizações culturais e figuradas de acordo com estratégias metodológicas adaptáveis a essa atividade.

Diz Nunes (2012), “a ludicidade é uma atividade que tem valor educacional intrínseco, mas além desse valor, que lhe é inerente, ela tem sido utilizada como recurso pedagógico”. Segundo Teixeira 1995 (Apud nunes, 2012), inúmeras são as vantagens que possibilitam os professores a buscar as ações lúdicas e usá-las como um instrumento no processo de ensino-aprendizagem:

As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança, e neste sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica; O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo.

Pode-se afirmar que é alegre e estimulador, por ter atributo de atrair a pessoa de maneira acentuada e global, tornando-se um momento de inspiração. É exatamente esta configuração de envoltura emocional que o faz uma ação com grande proporção estimulação, capaz de criar um estágio de emoção e prazer. Por causa deste ambiente de alegria onde o qual se projeta, a ludicidade é transportadora de um desejo inerente, concentrando as forças no foco de uma experiência global para alcance de sua meta. Assim sendo, as ações lúdicas são estimuladoras, todavia requerem uma dedicação instintiva.

Os contextos lúdicos impulsionam estruturas mentais. Desta maneira sendo uma ação física e mental, a ludicidade impulsiona e empreende as atribuições psiconeurológicas e as intervenções mentais, aguçando a ideia.

Em suma, o recurso que destaca um jogo pedagógico de outro de cunho unicamente lúdico é: estabelecendo – se o jogo pedagógico com a finalidade de estimular aprendizagem eficaz, motivar o progresso de novas habilidades e essencialmente aguçar o crescimento de uma competência praticável, ou seja, o crescimento de um predicado ou habilidade cognitiva e qualitativa minuciosa que proporciona o entendimento e a interposição do sujeito nos acontecimentos socioculturais e que o auxilie na edificação de relações.

### **3. DEFININDO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Nos anos 60 surgiu a expressão dificuldade de aprendizagem, que continua viva nos dias atuais, e muitas vezes são vistas pelos pais e educadores como uma falta de concentração dos



alunos em sala de aula. Porém, as dificuldades de aprendizagem dizem respeito a uma indisposição que pode acontecer por inúmeras circunstâncias cognitivas /emocionais /neuroológicas, que atingem qualquer região da atuação escolar.

Elucida Polity (2016, p. 87) que as dificuldades confrontadas hoje na alfabetização são fomentadas tanto pelo legado do analfabetismo e das diferenças, como pelo o agora (o alargamento da ideia de alfabetização e das esperanças da sociedade no que diz respeito aos seus efeitos). Porém, sabe-se o conceito que os métodos conseguem desobrigarem o estudante que não alcança, por não compreender a exigência deste, particularmente dos que possuem dificuldades de aprendizagem.

Todavia, a obrigação fundamental da escola é, para maioria dos professores, propor aos estudantes acesso para que eles desenvolvam, de maneira lúcida e eficiente, as formas de entendimento de saberes. De modo a proporcionar que estes empreendem de maneira crítica em seu contexto social.

Nota-se que as dificuldades que acontecem no ensino-aprendizagem do aluno, nas escolas, desde o período de alfabetização o estudante com carecimentos especiais mostra dificuldade de memorização, comportamento, autoestima baixa.

O aluno que demonstra dificuldades na aprendizagem muitas vezes demonstra sinais múltiplos, como: melancolia, acanhamento, violência, nervosismo, dificuldade de socialização com seus pares. Diz Fonseca (2015, p. 95).

Atualmente, vive-se um momento em que as necessidades dos alunos com dificuldade de aprendizagem estão cada dia mais presente no dia a dia. Chega-se no momento que a escola não pode ser apenas transmissora de conteúdos e conhecimentos, muito mais que isso, a escola tem a tarefa primordial de “reconstruir” o papel e a figura do aluno, deixando o mesmo de ser apenas um receptor, proporcionando ao aluno que seja o criador e protagonista do seu conhecimento. É preciso levar o aluno a pensar e buscar informações para o seu desenvolvimento educacional, cultural e pessoal é uma das tarefas primordiais e básicas da educação.

Entende-se que é de extrema relevância entender as dificuldades de aprendizagem, não como insucessos, todavia como conflitos a serem desafiados, e ao empenhar nessas dificuldades, vê-los como triviais na vida, possibilitando aos estudantes com dificuldades a perspectiva de ser autônomo e de reestruturar-se enquanto pessoa e sujeito.

Neste interesse, a escola sucederá inclusivamente quando modificar, não o prédio físico, e sim a prática, as ações e o pensamento dos professores, e da comunidade escolar como um todo, para capacitar-se a relacionar com o diferente e interagir com naturalidade as diversidades.

Contudo, os sistemas de ensino precisam dar condições e inclusão acessível às necessidades educacionais dos estudantes, uma vez que a dinâmica inclusiva escolares, por mais



negado que ainda seja, é inconvertível e envolve pela sua coerência e pelos princípios da sua colocação social (Bossa, 2014, p. 74).

Dessa forma, diz Pain (2014, p. 106):

O momento é refazer a educação escolar, seguindo novos paradigmas, preceitos, ferramentas e tecnologias educacionais. As condições de vida das famílias das crianças influenciam na aprendizagem dos alunos. Em várias famílias de classe mais baixa, escrever pode limitar-se somente a assinar o próprio nome ou, no máximo, a reproduzir recados curtos. Para quem convive com esse mundo, escrever como a escola pretende pode ser esquisito, indesejável e desnecessário. Entretanto, os que convivem num meio social onde se leem jornais, livros, revistas, e no seu convívio familiar se escrevem com frequência e pessoas que tem o hábito de ler será levado facilmente a adquirir esse hábito e virá a ser um leitor ativo.

Entender o processo de alfabetização que, vai além de apenas decodificar letras para garantia de inserção na sociedade é desconforme de alfabetizar classes sociais que acreditam a escrita, além de primordial, uma maneira de apresentação individual, de lazer e de divertimento.

As dificuldades de aprendizagem na escola são capazes de serem classificadas uma das consequências que poderá levar o estudante ao fracasso escolar.

Importante compreender que nem sempre o fracasso escolar pode ser colocado somente no aluno. Se o aluno fracassa conseqüentemente o fracasso é da escola. É o seu jeito de lidar com as diferenças e uso de metodologias quase sempre sem significado para o aluno. É necessário que o educador entenda as inúmeras maneiras de ensinar, uma vez que existem diferentes formas de aprender. O educador deve ter conhecimento da necessidade de criar afetos com os estudantes através das ações do dia a dia, edificando e reedificando sempre novos afetos, mais coesos e verdadeiros, procurando sempre incentivar os estudantes para aprendizagem, porque, ao notar que demonstra dificuldades em sua aprendizagem, em grande maioria apresenta falta de interesse, falta de atenção, falta de compromisso, violência etc.

Neste intere, Sanchez (2014, p. 77) afirma que a dificuldade de aprendizagem é um “termo geral que se refere a um grupo heterogêneo e de transtornos manifestados por dificuldades significativas no uso da leitura e escrita”.

Este mesmo autor assegura que se tratando de alfabetização observa-se o quanto os alunos são inquiridores em aptidão, porque sempre olham/questionam tudo que existe em seu entorno, esta é a razão que muitos destas crianças sentem desmotivadas e desinteressadas, por ter a frente só rotinas rígidas, não acontecem trocas de experiências com seus pares e professores. Podendo estar acontecendo contratempo da ordenação nervosa, e também

dificuldades de comportamentos e convivência social, ou de repente outros problemas como: diversidades culturais, ensinamentos impróprios ou falhos.

Vale evidenciar que a criança é um ser em formação e precisa ser vista em sua totalidade e não em partes, para que o professor consiga perceber as prováveis razões de claras dificuldades, decorrentes barreiras para a aprendizagem.

Existem panoramas que surgem como dificuldades na região cognitiva do aluno, todavia ninguém pode desenvolver mais do que a sua disposição cognitiva possibilite. Existem também contextos que são capazes de ser desmotivadores ou desestimulantes, não possuindo elos afetivos que o aluno demonstra com os objetos e cenários de aprendizagem. Elo impróprio também tem o atributo de bloquear ou impossibilitar a aprendizagem. Na opinião de Vallet (2015, p. 55)

Outro obstáculo está relacionado ao meio cultural. Quando a criança está acostumada em determinada cidade, ou até mesmo bairro, escolas, enfim, já está inserida em meio social onde se habituou e criou laços afetivos, e por determinada situação houver mudança repentina pode ocorrer bloqueios ou dificuldades na aprendizagem. A cada mudança um novo início, uma nova adaptação, e nem sempre será positiva para o aprendiz.

Portanto, o professor precisa ter claro o conhecimento de entender seus alunos e olhar a aptidão e limitação de cada um deles, valorizando todos igualmente e tendo uma observação ainda mais pertinente com aqueles mais apáticos, que não interagem e questiona. Descrevendo o que estamos discorrendo aqui, Soares (2014, p. 143) colabora:

Numa perspectiva de senso comum só alguns alunos têm dificuldades de aprendizagem. A maioria da turma se desenvolve normalmente, como se é esperado e idealizado pelo professor. Infelizmente, essa teoria está muito presente nas salas de aula, o educador como sendo o dono da verdade e os alunos tendo que seguir exatamente o que lhes são propostos, não podendo questionar, então, para aquele que não se adapta à forma que lhe é mostrado o conteúdo, tendo “dificuldades” em aprender, estará sendo o foco de questionamentos para se chegar a responder do que está acontecendo com esta criança que não acompanha a turma.

As dificuldades de aprendizagem aparecem em qualquer circunstância, idade e/ou etapa de escolaridade. O processo de ensino aprendizagem requer estudo, análise, perseverança, existe dificuldades em tudo que propusermos a realizar. A maneira de como o estudante enfrenta os contextos de dificuldades, é capaz definir de maneira significativa, o seu ponto de êxito, de desempenho e capacidade pessoal.

#### 4. O PSICOPEDAGOGO E OS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

A Psicopedagogia tem sua identidade e é o real de seu princípio demonstrar nitidamente uma demanda política, uma vez que sua presença figura assustar o espaço de ação de outros profissionais, sobretudo os que fazem parte das equipes de alusão.

Diz Soares (2014, p. 87)

Na prática, o psicopedagogo tem como modelo, papéis assumidos tanto pelo psicólogo no que tange a atuação clínica, como do pedagogo, no trabalho com aprendizagem. Historicamente é a partir destes modelos que surge a identidade do psicopedagogo com uma especificidade que lhe é própria. A ação dos profissionais que lidam com os problemas de aprendizagem, a partir da cotidianidade construiu sua práxis, estabelecendo novos ideais, dando assim elementos que possibilitam a revisão da atuação educacional. Nas instituições o psicopedagogo cumpre a importante função de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de normas de conduta inseridas num mais amplo projeto social, procurando afastar, contrabalançar a necessidade de repressão.

Executando assim, muitos problemas poderão ser trabalhados de maneira preservativa, antes que acabam em sérios conflitos ou podendo ser interferência se a dificuldade de aprendizagem já for visível. Polity (2016, p. 54), diz a esse respeito à relevância da precaução e da interferência psicopedagógica, porém elucida também que não se deve desconsiderar o período que antecede essas práticas.

A Psicopedagogia refere em ação preservativa e curativa é uma atividade teórica. Isto é, tanto no exercício preservativo como clínica, o profissional atua sempre alicerçado nas bibliografias teóricas escolhidas. Considera-se que a teoria contribuirá para tal referência por considerar o desempenho das crianças no período escolar.

Assim diz Pain (2014, p. 93):

O problema de aprendizagem não é um termo para referência de um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que afetam o rendimento e a vida escolar do aluno. É atribuído a várias causas e aspectos diferentes que podem prejudicar o funcionamento cerebral. Às vezes, as dificuldades de aprendizagem são tão sutis que essa criança não parece ter problema, mas podem apresentar uma inteligência na média ou superior e serem excepcionais em algumas áreas.

Evidencia-se assim que uma pessoa com dificuldades de aprendizagem não contém precisamente baixo ou alto QI, expressa unicamente que ela está laborando abaixo da sua habilidade por ter um fator de dificuldade, em local como, a organização visual ou auditivo. As

dificuldades de aprendizagem frequentemente são percebidas no período de escolarização, por profissionais como psicólogos, por meio de avaliações minuciosas de inteligência, ideias e programas de aprendizagem (SOARES, 2014, p. 43).

Na maior parte dos casos, a criança com dificuldades de aprendizagem, mostra um caminho diferente em seu progresso, não podendo confundir dificuldades de aprendizagem com situações provocadas por mazelas ambientais, ou por retardamento, ou conflitos emocionais.

Assim, Fonseca (2015) discorre que a criança com dificuldade da aprendizagem não pode ser “denominada” como incapacitada, mas como uma criança comum que aprende de uma maneira diferente, a qual demonstra uma desarmonia entre a capacidade real a capacidade prevista. Desta maneira não diz respeito a uma deficiência, afinal apresenta capacidade cognitiva que não são praticadas em expressão de préstimo educacional.

O problema acontece em não se perceber essas dificuldades, não se possibilitar, na melhor hora, às interferências pedagógicas preservativas nas fases de maturação. Se não percebidas no início, a escola pode sugerir e intensificar a inapropriados, atingindo, às vezes, posteriormente, no retardo mental, no delito ou em comportamento impulsivo.

#### **4.1. AS INTERVENÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA REDUÇÃO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM**

De acordo Medina (2016) as ações participativas precisam iniciar com as crianças, uma vez que neste período elas estão em perfeito desenvolvimento dos inúmeros panoramas da aprendizagem.

Desta forma, na ocasião que uma criança demonstra dificuldades para assimilar, é normal que o professor, ou família, anseiam por um “manifestar” ou ainda a criança, em um momento ou outro comesse a assimilar igual aos demais.

Deste modo, a ação do psicopedagogo acarreta em entender a circunstância de aprendizagem do aluno dentro do seu específico meio. Tal entendimento exige uma categoria própria de desempenho para a questão em análise, o que pressupõe que não existe métodos preexistentes. Neste sentido Sanchez (2014, p. 54) a atividade do psicopedagogo tem como finalidade principal de análise em volta do exercício de aprendizagem do ser humano: seus paradigmas progressivos. Neste intere diz Polity (2016, p. 85)

“[...] seus padrões evolutivos normais e patológicos bem como a influência de meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.” A Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades internas e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.

Acrescentando o enunciado anteriormente, Scoz *et al.*, (2014) enfatiza que o psicopedagogo analisa o exercício de aprendizagem e suas complexidades, e numa atividade profissional, carece abranger inúmeras esferas do aprendizado, compreendendo-os e simplificando-os. E ainda diz Bossa (2014, p. 59) a área de exercício do psicopedagogo diz respeito não somente o ambiente físico onde acontece esse exercício, tal como ao ambiente epistêmico de sua competência, o espaço deste ambiente de exercício e a maneira de discutir o seu objeto de análise.

Constata Soares (2014, p. 107),

O diagnóstico precoce do transtorno de aprendizagem é um ponto fundamental para a superação das dificuldades escolares. Para o mesmo autor o psicopedagogo tem a função de orientar os educadores e pais sobre a melhor forma de lidar com a criança, direciona a elaboração de programas de reforço escolar e a adoção de estratégias clínicas e/ou educacionais que auxiliam a criança no desenvolvimento escolar. É preciso, também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar.

Como mencionado acima, para o psicopedagogo, compreender é um caminho que acarreta pôr em atividade inúmeras maneiras que influênciam em todo o indivíduo: a cadeia de ligações e símbolos culturais e de fala que, na encubação, possuem parte em cada pessoa à medida que ela correlaciona com sociedade.

O exercício do Psicopedagogo diz respeito a um conhecer e a um conhecer - exercer, às circunstâncias intangíveis e correlacionais – em ênfase familiar e escolar – às timidez, demora e confusões do indivíduo ou coletivo a ser diagnosticado. A experiência do psicopedagogo não se estagna em uma restrição presa, nem nas insuficiências e deformações abstrata do aprender, mas promove a capacidade da pessoa, a liberdade afetiva de conhecer e de exercer, reforçando que o saber é característico de cada pessoa.

Assim, Fernández (2013, p. 62) elucida que:

A “escuta” da psicopedagogia não se situa no aluno, no professor, na sociedade ou família, e sim nas múltiplas relações entre eles. Em direção a uma síntese preliminar, a atuação do psicopedagogo, refere-se ao estabelecimento do marco fundante da ação terapêutica – a definição do universo da relação clínica – e que, portanto, englobam elementos como tempo, lugar, frequência, duração, material de

trabalho e estabelecimento da atividade, nessa modalidade de tratamento que tem como objetivo, sempre, solucionar os problemas de aprendizagem. Podemos observar que, a atuação do psicopedagogo busca ter, uma visão integrada e integradora da aprendizagem humana, considerando seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como as influências do meio social (família, escola e sociedade), determinantes do seu desenvolvimento.

A atividade clínica do Psicopedagogo tem encargo de caráter preventivo a passo que, ao ocupar-se em alguns problemas, poderá minimizar o surgimento de outros e até mesmo reduzir os já atuais. O psicopedagogo analisa as particularidades da família, da escola, do professor, todavia, eles podem ser os motivos causadores do problema de aprendizagem.

Nessa visão Weiss (2015, p. 70), diz que a ação psicopedagógica precisa atender o indivíduo como um ser humano completo, heterogêneo pelos enfoques orgânico/cognitivo/afetivo/social e pedagógico.

O enfoque orgânico refere-se à edificação biológica do indivíduo, por isso, a complexidade de aprender de motivo orgânico estaria ligada ao corpo. O enfoque cognitivo está ligado ao desempenho das disposições cognitivas. Assim, a barreira de aprendizagem moraria nas disposições do pensamento do indivíduo.

Diz Scoz *et al.*, (2014, p. 104)

O aspecto afetivo diz respeito à afetividade do sujeito e de sua relação com o aprender, com o desejo de aprender, pois o indivíduo pode não conseguir estabelecer um vínculo positivo com a aprendizagem. O aspecto social refere-se à relação do sujeito com a família, com a sociedade, seu contexto social e cultural. E, portanto, um aluno pode não aprender porque apresenta privação cultural em relação ao contexto escolar. Por último, o aspecto pedagógico, que está relacionado à forma como a escola organiza o seu trabalho, ou seja, o método, a avaliação, os conteúdos, a forma de ministrar a aula, entre outros.

Assim, os professores precisam efetivar uma análise psicopedagógica para entender o motivo de seu aluno não assimilar ou manifestar dificuldade em assimilar o que lhe é apresentado no processo de ensino aprendizagem na alfabetização.

Dessa forma, é de extrema relevância acontecer uma correlação entre família/escola, professor aproximando dos pais e vice-versa. É relevante enfatizar que a credibilidade que os pais precisam sentir da escola e no professor são importantes para que os pais tenham confiança na instituição e conseqüentemente na responsabilidade com seu filho.

Nota-se que a escola é instituição que mais encaminham crianças com dificuldades de aprendizagem a especialistas. Logo, seja o ambiente de trabalho do psicopedagogo, a entender, clínico ou institucional, objetiva possibilitar uma percepção global do estudante e do ambiente

escolar de seu meio, possibilitando o progresso das mesmas, tanto sozinha como no grupo, com visão de intervenção e preservativa.

Para defender esses dizeres, nas citações de Vallet (2015, p. 105), o autor diz que:

Sob esta ótica o psicopedagogo vem atuando com muito sucesso nas Instituições Escolares, onde o seu papel principal é o de analisar os fatores que favorecem, intervém ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Propõe e ajuda o desenvolvimento dos projetos favoráveis a mudanças. Pode-se verificar que, o objetivo do psicopedagogo é o de: Conduzir a criança ou a Instituição a reinserir-se, reciclar-se numa escolaridade normal e saudável, de acordo com as possibilidades e interesses dela; Promover a aprendizagem, garantindo o bem estar das crianças em atendimento profissional, valendo-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação Inter profissional; Atender as crianças que apresentem dificuldades para aprender por diferentes causas, estando assim, inadaptados social ou pedagogicamente; Encorajar a criança que aprende à tornar-se cada vez mais autônomo em relação ao meio, em interagir com os colegas e resolver os conflitos entre eles mesmos; a ser independente e curioso; a usar iniciativa própria; Ter confiança na habilidade de formar ideias próprias das coisas; a exprimir suas ideias com convicção e conviver construtivamente com medos e angústias. O Psicopedagogo é um profissional que tem muito a ensinar sobre o vínculo professor/aluno, professor/escola e sua incidência na construção do conhecimento e na constituição subjetiva de alunos e educadores.

Nos dias atuais, a Psicopedagogia labora com uma ideia de aprendizagem conforme a qual refere desse projeto um mecanismo biológico com ordens afetivas/ intelectuais que influenciam na maneira de ligação do sujeito com seu ambiente, seu contexto, uma vez que essa determinação induz e são induzidas pelos cenários socioculturais da pessoa e do seu meio. Por essa razão, o psicopedagogo precisa ser um profissional que tenha habilidades pluridisciplinares, já que seu trabalho é um projeto de avaliação diagnóstica, e é preciso definir e compreender bases em diferentes áreas.

A compreensão dessas áreas efetuará com que o psicopedagogo entenda o panorama diagnóstico do estudante e assim, contribuirá com a definição do procedimento mais apropriado, para superação das dificuldades do estudante. Assim, área de habilidades pluridisciplinar do Psicopedagogo procura entender como acontecem os mecanismos de aprendizagem e perceber as prováveis dificuldades existentes nesta dinâmica.

Entende-se, também, que o psicopedagogo pressuponha o que é ensinar e aprender; como atuam os conjuntos e metodologias educativas; os complexos organizacionais que interferem no aparecimento dos distúrbios de aprendizagem e no projeto escolar, precisam embasar em leis de uma teoria psicopedagógica. A problemática humana é vasta não existindo uma resposta para essas dificuldades, mas sim, uma análise e reflexão teoricamente e atuação no ambiente psicopedagógico.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se que o lúdico é um recurso valioso que requer um olhar dos pais e professores, é por meio da ludicidade que acontecem trocas criativas, feitas com prazer, alegria e valor. Por meio dessas brincadeiras acontece a revelação de si próprio e do outro.

Por isso as ações lúdicas têm como finalidade auxiliar o aluno a interagir com um universo mágico, alegre e imaginário e no mesmo momento real, e multiplicar suas capacidades de inventar e associar essas capacidades, dado que, só desta forma eles serão aptos de progresso numa expressão e ter habilidades de assimilar a conquistar todos os conhecimentos.

Pode-se dizer que as ações lúdicas atuam como atividades importantes e fundamentais a vida. E as brincadeiras e jogos são recursos imprescindíveis para que aconteça uma aprendizagem com prazer, que possibilite alegria no aprender. E favoreça as ações pedagógicas em sala de aula. Ou seja, o lúdico possibilita a aprendizagem diminuindo as dificuldades de aprendizagem dos alunos por ser um recurso alegre, prazeroso levando-os a interação e cooperação, acontecendo o aprender através das trocas.

Conclui – se que diante do exposto aqui, subsidiado em autores de relevância que abordam a temática, entende que o lúdico faz parte da vida das crianças e este é recurso sublime no espaço escolar, por oportunizar prazer, alegria, imaginação, etc. Vê também que Psicopedagogia auxilia no processo da alfabetização, uma vez que as análises da pedagogia unido com a psicologia o acolhimento à criança com precisão de acolhimento excepcional se aprimorou, porque uma das demandas dos professores é o comprometimento intimamente com processo de ensino-aprendizagem, focado no progresso cognitivo do aluno nas diferentes etapas de ensino.

Assim, a Psicopedagogia chega para entender a vivencia do indivíduo cognitivo, em que suas inter-relações encontram unidas as unidades a que faz parte. Possibilitando novas estratégias de comprometimento, que outrora, era visto somente como individuo com dificuldades de aprendizagem, nos dias atuais, esses sujeitos são vistos como sujeitos com possibilidades, com capacidades, desde que escola/professor/psicopedagogo busque compreender as singularidades de cada um e elabore metodologias que facilitam a aprendizagem de crianças no processo de alfabetização. E assim inclui – los socialmente no ambiente que faz parte.

Entende – se que as dificuldades de aprendizagem na alfabetização precisam ser apuradas. De início a inquirição feita pelo professor e dos pais, para unidos procurarem auxílio de profissionais competentes como o psicopedagogo.

Neste interesse, é notório que o processo de ensino aprendizagem na alfabetização é de suma importância a participação da família junto a escola, para subsidiar todas as dificuldades de aprendizagem haja vista, que no bojo escolar há diferentes culturas, classes sociais, fatores psicológicos, econômicos que deve ser respeitado por todos e em comum acordo procurar um especialista para auxiliar a criança em suas dificuldades.

## REFERÊNCIAS

BERTOLDO, Janice Vida; RUSCHEL, Maria Andrea de Moura. Jogo, Brinquedo e Brincadeira - Uma Revisão Conceitual. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gepeis/jogo.htm>. Acesso no dia 21 de abril de 2022.

BOSSA, Nadia Aparecida. **Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2014.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2013.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre, Artmed. 2015.

MEDINA, Aline Corrêa. O corpo inclusivo na infância: tempo e espaços das diferenças na Educação Infantil. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 11, n. 22, ago./dez., 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2781/7137>. Acesso em: 04 mai. 2022.

NUNES, Ana Raphaella Shemany. O lúdico na aquisição da segunda língua. Disponível em: [http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos\\_papers/ludico\\_linguas.htm](http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm). Acesso no dia 16 abr 2022

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2014.

FREIRE, Paulo **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 39.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J. **O raciocínio na criança**. Trad. Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967. 241p.

POLITY, Elizabeth. **Ensinando a ensinar: Educação com afeto.** Rio de Janeiro. Vetor. 2016.

SANCHEZ, Heloisa. Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola. In: Tozzi, D. A.; Onesti, L. F. (coord.). **Os desafios enfrentados no cotidiano escolar.** São Paulo, FDE, 2014.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização, **Presença Pedagógica**, v. 9 n. 52, jul./ago., 2014. Disponível em:  
[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa\\_aceleracao\\_estudos/reiencao\\_alfabetizacao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reiencao_alfabetizacao.pdf). Acesso em: 10 mai. 2022

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos. 2004. Disponível em:  
<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=621>. Acesso no dia 16 de abril de 2022

VALLET, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre. Mediação, 2015.

WEISS, Maria Lúcia Leme. Reflexões sobre o diagnóstico psicopedagógico. In: BOSSA, N.A. **Psicopedagogia no Brasil.** Porto Alegre. Artmed,